

Primeiros Escritos

Irmão do Jorel: A Quebra das Barreiras Intergeracionais



Dalila Leal Costa
Júlia D'Amato
Julia Seggiaro
Tatiana Czernorucki

Introdução

A proposta da escolha da animação *Irmão do Jorel* para a elaboração deste artigo foi feita a partir da temática das relações intergeracionais, quando considerada sob a perspectiva das tecnologias insurgentes, uma vez que a série é produzida por um dos maiores canais infantil de rede internacional (Cartoon Network) e está presente no Netflix e no Youtube. Além disso, esta série brasileira foi premiada nacionalmente e no exterior, e recentemente foi indicada ao Emmy Infantil de 2020.

A produção em questão apresenta, ao longo dos episódios, as interações entre o personagem principal e suas avós, uma quebra de paradigma com relação a representação do idoso. Ele é retratado com múltiplas potencialidades, vivendo o seu próprio tempo e sendo apto a contribuir em muito com a sociedade. Desse modo, como o próprio criador da série afirma, a intenção do desenho é se dirigir a um público não definido, de todas as fases e idades da vida, e proporcionar a essas pessoas a possibilidade de rememorar experiências pessoais.

Na realidade, desde o início de seu desenvolvimento *Irmão do Jorel* foi pensado como um programa para toda a família, e como aponta o psicólogo e

especialista em gerontologia José Carlos Ferrigno em sua tese de doutorado *O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária* (2009), os idosos encontram grande prazer em lembrar os tempos de juventude e contar as histórias, pois através do resgate das memórias, podem reconstruir sua autonomia, possibilitando, também, a quebra do estereótipo que limita o idoso.

Considerando os conceitos de geração e intergeracionalidade, temas centrais abordados por Ferrigno, alguns episódios da animação foram selecionados para análise, com a finalidade de demonstrar que *Irmão do Jorel* proporciona quebra de barreiras intergeracionais, pois constrói seus personagens idosos a partir da reelaboração da representação social do idoso.

Irmão do Jorel - a animação



Irmão do Jorel é um seriado de desenho animado brasileiro criado por Juliano Enrico, coproduzido pela *Cartoon Network Brasil* e a *Copa Studio*. A série foi originalmente vencedora de um *pitching* (espécie de concurso) promovido pela *Cartoon Network Brasil* em 2009 para produções de novas animações nacionais.

Foi a primeira animação original do *Cartoon Network* feita do Brasil e na América Latina, e retrata o cotidiano de uma família excêntrica e, ao mesmo tempo, carregada de representações estereotipadas e cômicas, de uma família brasileira da década de 1980.

Jorel é o filho do meio, com cabelos sedosos e lisos, atraente e com facilidade para se relacionar com as meninas, atributos que o tornam “o cara mais popular da cidade”. No entanto, a série não gira em torno dele, mas de seu irmão mais novo, um garoto tímido e cujo nome não é referido pelos personagens, então é sempre chamado de ‘irmão do Jorel’.

Sentindo-se constantemente ofuscado pela fama e popularidade de seu irmão mais velho, ele tenta construir, ao longo dos episódios, sua própria identidade e se tornar alguém importante entre sua família e amigos. Porém, cada

empreitada sempre resulta em alguma confusão. O irmão do Jorel compartilha a casa com seus pais - Seu Edson e Danuza; suas duas avós - Gigi e Juju; e os irmãos mais velhos - Jorel e Nico.

Em entrevista para a revista Superinteressante, o autor Juliano Enrico esclarece que a escolha por trás da falta de nome da personagem principal tem como objetivo fazer com que todos possam se identificar com ele, pois “todo mundo pode ser o irmão do Jorel: aquela criança que sempre fica atrás dos próprios irmãos. É por isso que o irmão do Jorel não tem nome: somos todos ele” (ENRICO, J. 2018).

Juliano prefere não caracterizar a série como autobiográfica, apesar de seus irmãos serem chamados Jor-El e Nico, e as fotos que aparecem na animação serem fotos reais da sua família. Conta que a ideia de produzir a série surgiu a partir da publicação de fotos de sua família na rede social *Fotolog*, a partir da qual várias pessoas começaram a compartilhar suas próprias histórias familiares com Juliano, demonstrando uma identificação. Assim, ele passou a criar as histórias dos episódios a partir de fotografias, histórias compartilhadas da família de seus amigos, e, ainda, de personalidades de filmes da sessão da tarde e de séries antigas que Juliano tanto assistia.

Portanto, antes mesmo do *Cartoon* se interessar pela série, Juliano já tinha escrito o verdadeiro universo do ‘irmão do Jorel’, consumindo boa parte de seu tempo com a criação das personagens - suas características, os cenários e as histórias.

Atualmente, a produção se encontra na terceira temporada, e já foi renovada para a quarta, depois de ganhar prêmios nacionais e internacionais como: O troféu de Melhor Série Brasileira de Animação e, internacionalmente o prêmio de Melhor Série de Animação nos Prêmios Quirino, que consagra o melhor da indústria ibero-americana de animações. Concorre, ainda, ao Emmy Kids de 2020.

Geração e Intergeracionalidade

Ao abordar a questão da intergeracionalidade Ferrigno (2009, p.5) assinala que:

[...] procurou demonstrar, baseado em entrevistas com crianças, jovens e idosos envolvidos em atividades intergeracionais, e das observações dessas interações, que programas de caráter lúdico podem se constituir como um dos caminhos para a superação de conflitos entre gerações, ao promoverem a formação de amizades entre velhos e moços e o desenvolvimento de uma cultura intergeracional solidária.

O autor descreve suas experiências como coordenador de um grupo de reflexão sobre envelhecimento com idosos que, segundo ele, tinha uma necessidade gritante: a de serem ouvidos. Para Ferrigno (2009), eles

encontram grande prazer em lembrar e contar histórias dos tempos de juventude, pois através do resgate das memórias, podem reconstruir sua autonomia.

Assim, o advento da velhice é um momento enfrentado com muita resistência, motivo pelo qual os idosos acabam recorrendo à negação da realidade, como um mecanismo de defesa, tentando preservar a autoestima. Além disso, baseando-se na visão psicanalítica, pode-se considerar que o inconsciente vive num cenário atemporal e, nessa perspectiva, os idosos continuam percebendo a si mesmos como “os mesmos de sempre” apesar de notarem as mudanças físicas próprias a esta etapa da vida.

Tanto para Sartre (1998) como para Beauvoir (1990, p. 348) o ‘sentido’ do envelhecimento nos é transmitido, muitas vezes, pela visão e interação do outro com o eu, e de formas inesperadas. Os autores retomam a ideia de que na velhice, como na adolescência, é muito comum que o indivíduo passe por uma crise de identidade: “*Será que me tornei, então, outra, enquanto permaneço a mesma?*”.

Para Jung (1977), citado por Ferrigno (2009), trata-se do processo de individuação, que parece encurtar os horizontes, fazendo com idosos se tornem sujeitos singulares, seletivos e pouco influenciáveis.

Ferrigno (2009) indica que a sociedade contemporânea produziu uma mentalidade que visa à inclusão e a solidariedade intergeracional, uma tarefa nada simples de ser executada devido ao conflito, profundo e permanente, entre as gerações - advindo, provavelmente, do grande contraste vivencial entre juventude e velhice.

O autor apresenta a tese de que as atividades de lazer, em especial de caráter cultural, representam a chave para aproximação de grupos sociais e identitários tão distintos, e por isso focaliza o seu estudo no programa *SESC Gerações*. Traz à luz, também, o conceito de *feminização da velhice*, uma vez que os entrevistados são, majoritariamente, mulheres, fenômeno também relacionado pelo processo de retraimento, comum ao idoso do sexo masculino.

Com o tempo, vamos incorporando uma série de experiências, dentre as quais a assimilação das várias etapas, dos muitos momentos da vida, que configuram o que chamamos de geração. Experiências que, de certa maneira, não são perdidas.

Dessa maneira, o conceito de geração deve, inicialmente, ser pensado a partir de um ponto de vista histórico, pois as relações sociais têm um caráter transitório. Assim, geração é tida como uma construção cultural, e este termo é utilizado para “distinguir grupos de pessoas nascidas em uma mesma época que vivenciaram os mesmos acontecimentos, como a geração da Segunda Grande Guerra, os “*baby boomers*”, os “*hippies*” e os “*yuppies*”, entre outras” (FERRIGNO, s/d, p. 6).

A segunda definição apresentada pelo autor (2009, p. 57) define o termo geração como uma derivação

[...] dos estudos das relações familiares entre avós, pais e filhos e tem a ver com a posição de cada familiar nesse universo. Ele traz ainda o conceito como uma medida do tempo [...] representando o número de anos entre a idade de pais e filhos. Medida imprecisa do ponto de vista da duração de uma geração, pois pode variar de 10 a mais de 40 anos.

Ferrigno (2009, pp.57-59) completa afirmando que:

[...] o termo se relaciona às políticas sociais para as distintas idades. As gerações são identificadas pela situação escolar, participação no mercado de trabalho, contribuições ao sistema de seguridade social e benefícios que dele recebem. Todavia, hoje, as idades próprias de estudo e trabalho tornaram-se muito menos claras. Há jovens que começam cedo a trabalhar, há idosos ainda estudando.

O autor descreve também a sensação de pertencer a uma geração como possível representação do sentimento de segurança, que fortalece e esclarece a nossa identidade.

A partir dessas definições acerca do significado de geração, o mesmo autor indica que a intergeracionalidade corresponde a um encontro de intercâmbio entre pessoas e grupos de diferentes gerações, sendo o campo intergeracional uma série de conhecimentos (teorias, pesquisas e práticas) e de ações (políticas públicas e programas intergeracionais), encaminhados de modo a aproveitar de modo benéfico esse potencial.

Análise de Episódios

O pequeno mestre do Jiu-Jitsu



No episódio 24 de Irmão do Jorel, a situação principal do episódio retrata um conflito entre o irmão do Jorel e uma colega de turma que o agrediu. No início do episódio, o irmão do Jorel chega em casa, após a escola, e corre para o quarto a fim de encontrar algo que disfarce seu olho roxo, e é advertido pelos bichos da casa que se os seus pais descobrirem, sua vida social estaria acabada, pois eles iriam brigar pelo filho na escola.

Durante o jantar, no entanto, o irmão do Jorel é descoberto e seus pais o questionam sobre quem o agrediu, levando a primeira situação problema: Quem o agrediu foi uma menina, e seu pai não aceita, alegando que ele disse o nome da pessoa errado e que deve ser um menino. A partir daí a avó materna decide interferir na solução protetora dos pais e ensiná-lo a se defender a partir de uma técnica de defesa pessoal, que ela mesma inventou e apresentou para várias pessoas, inclusive o astro de cinema Steve Magal, o grande ídolo do irmão do Jorel.

Neste episódio específico, é interessante analisar a personalidade da avó Gigi, que insere e prepara socialmente o neto, de maneira mais moderna do que os próprios pais, e como essa convivência passa a ser essencial para a inserção de Jorel em sutis episódios de integração à vida mais madura. Este episódio também é extremamente interessante para a questão geracional, pois vemos uma menina que agride, e uma mulher idosa que se defende, retruca e ensina.

Como se sabe, era comum que as mulheres de gerações anteriores fossem criadas para se manterem recatadas. O estereótipo de avó, ainda é antiquado - a vovó boazinha e inocente, e que acolhe – mas é fundamental perceber, neste episódio, que esta avó transmite ensinamentos que tiram o neto de sua zona de proteção e conforto.

MC Juju



No episódio MC Juju, Irmão do Jorel descobre que sua avó Juju tem um grande talento para fazer rap sobre as frutas e legumes que ela adora. Fascinado com

o dom de sua avó, ele passa a enxergá-la como uma pessoa descolada e “maneira”, e logo a leva para exibir sua técnica ao restante da família e aos seus amigos.

No entanto, Juju não revela sua incrível habilidade até que é desafiada por um campeão de Rap que faz um comentário maldoso sobre sua fruta predileta: o abacate. Frente ao insulto, vovó Juju se revela a incrível MC Juju, e vence a batalha de Rap, ensinando uma verdadeira lição sobre o respeito e a valorização do idoso a todos.

Para além das brincadeiras, o episódio em si é interessante porque traz uma importante mensagem como moral: é preciso tratar a pessoa idosa como qualquer outra, sem julgá-la por sua idade, mas sim respeitá-la pelo conhecimento que ela tem para passar adiante. A imagem do velho impotente, ultrapassado e parado no tempo, aqui, é totalmente desconstruída para dar lugar ao idoso de múltiplas potencialidades, cujo tempo é o agora.

A mensagem deixada por Juju é que ela tem muito a ensinar aos mais jovens, e que pode muito bem se apropriar de um recurso musical pertencente a uma cultura nascente, como o Rap, que faz parte das atividades de lazer de caráter cultural que, como aponta Ferrigno (2009), é contexto extremamente favorável para a aproximação entre as diferentes gerações.

De Volta para o Futuro do Passado



No início do episódio, Irmão do Jorel está à procura do boneco perdido do Steve Magal, personagem caricato de filmes de ação do qual ele é fã, apesar das críticas dos familiares que o questionam sobre sua idade e o fato de ele ainda brincar de boneco. Ele busca pela casa, juntamente com a melhor amiga, Lara, seu brinquedo.

Durante a empreitada, eles acabam encontrando objetos parte da vida das avós: um quadro antigo da vovó Gigi e uma boneca com a qual vovó Juju brincava na infância. Mas não conseguem achar o boneco perdido. Nesse

momento, seu Edson, o pai do Irmão do Jorel, explica ao filho que a melhor maneira de achar alguma coisa é voltando no tempo, e ensina o que é preciso fazer para voltar ao momento em que ele perdeu o boneco.

Então, o Irmão do Jorel viaja no tempo, percorrendo várias cenas e situações da história de sua família: o tempo de uma ancestral da vovó Gigi, o da infância da vovó Juju, o do momento em que seu pai conhece sua mãe, depois o do casamento deles, a infância de seus irmãos, até que, finalmente, ele encontra o exato momento em que perdeu o boneco.

Mas, assim que o Irmão do Jorel tem seu boneco do *Steve Magal* em mãos, um desconhecido vestido com trajes de astronauta o enfrenta pela disputa do brinquedo. Esse desconhecido acaba revelando ser o próprio Irmão do Jorel idoso, pertencente a um futuro mais distante. Quando questionado se é, de fato, a sua versão mais velha, este responde que não é velho, apenas mais maduro o suficiente para não perder mais seus bonecos.

O Irmão do Jorel, idoso, pega o boneco e foge em sua própria nave do tempo, afirmando que aquele boneco é seu. Mas o Irmão do Jorel criança o segue e alcança seu eu idoso. O seu eu do futuro revela que tinha a missão de voltar para esse momento e o impedir de conseguir o boneco de volta, para que ele compreendesse que não podia passar a vida perdendo as coisas e pessoas, pois, se continuasse daquele jeito, ele iria perder sua melhor amiga, Lara. Deste modo, o Irmão do Jorel devolve o boneco para seu eu do futuro e volta para seu próprio tempo para brincar com sua amiga Lara.

A partir do relato do episódio, é possível identificar a presença da construção social das gerações, certas estigmatizações e as possibilidades de superação com o entendimento do contato que o Irmão do Jorel tem com tempos passados e futuros, como metáfora para o potencial campo da intergeracionalidade, no qual se realizam trocas de saberes, conhecimentos e interação entre diferentes gerações.

Nas cenas, o Irmão do Jorel é capaz de se apropriar e viver o que outras gerações viveram, como suas avós, seus pais e seus irmãos, assim, e seu ‘eu’ idoso futuro, possibilitando a compreensão do sentido de inclusão e solidariedade intergeracional. Além da possibilidade de estar consigo mesmo enquanto idoso, que pode desencadear um processo menos resistente ao próprio envelhecimento.

Fica demonstrado que mesmo mais velho não deixou de fazer viagens malucas, de correr, de disputar o boneco com seu ‘eu’ mais novo e, por fim, de brincar com esse boneco. Deste modo, o desenho promove um movimento de quebra de barreiras entre gerações, que foram firmadas no início do episódio e sinalizadas pelo clichê de estar muito velho para poder brincar de boneco, mas posteriormente desmentida com a não imposição de restrições entre gerações.

Em Busca De Liberdade



Neste episódio o Irmão do Jorel, juntamente com as avós Gigi e Juju, partem numa alucinante busca por liberdade, entendida inicialmente como uma forma de se desprender das amarras sociais e imposições restritivas do cotidiano.

O episódio tem início com a descoberta, por seu Edson, da ausência de sua mãe (vovó Juju) e sua sogra (vovó Gigi). Fica exaltado e, ao encontrar o bilhete deixado por elas, que anuncia que iriam cruzar o deserto em busca de liberdade, exclama: “que coisa mais inadequada”. Assim, entende-se que ele considerava a aventura a qual se propunham como perigosa e absolutamente incoerente com a idade delas, duvidando de suas potencialidades.

O Irmão do Jorel é convocado para acompanhá-las nessa empreitada, pois vovó Gigi solicita que ele compre o seu *srock* de maçã. Nesse momento, a amiga do Irmão do Jorel pergunta: “Suas avós podem sair sem um adulto para tomar conta?”.

Eles partem para a viagem, e logo se apresentam as diferentes personalidades de Vovó Gigi e Vovó Juju: enquanto Vovó Juju é amorosa, se denomina romântica, e se lembra do amor de infância dos tempos da escola, Vovó Gigi coloca o quanto não gosta desses “grudes”, romantismos excessivos, apontando a importância de curtir com os amigos e namorar sem compromisso.

Após a compra dos *sprocks* de maçã e rumo à estrada, passam a ser perseguidos por um palhaço-policial-dentista, que as denomina como ‘velhas delinquentes’, que contavam com uma criança como cúmplice para realização de um assalto de refrigerantes e balas em uma loja. Vovó Gigi, ao perceber que estavam sendo seguidos encontra, rapidamente, uma forma de despistá-lo.

Os diálogos, durante a viagem, mostram que vovó Gigi reflete que ninguém vive para sempre, e que sem final, a vida seria um filme insuportável e sem sentido, enquanto Vovó Juju acrescenta que mais importante do que o destino, é a estrada.

Ao mesmo tempo em que, para seu Edson, as avós são vistas como frágeis e, a qualquer momento ele iria receber a notícia de que algo ruim havia acontecido com elas, nos noticiários e pela polícia, elas são tidas como criminosas. Ao pararem em um posto de gasolina, o frentista implora por sua vida, enquanto elas abastecem o carro. Então, elas continuam a viagem e, assim que deixam o posto, um dos carros que as seguia se incendeia e explode e o outro cai do penhasco, fazendo uma referência à inúmeras cenas de filmes de ação. Vovó Gigi deixa a cena “cheia de atitude”, reiterando: “ninguém vai impedir minha busca por liberdade”.

Ao final do episódio, seu Edson, Vanusa e seus filhos, assistem uma propaganda na televisão que ofertava um produto de limpeza chamado *liberdade*, o primeiro lustro porcelana capaz de deixá-la brilhante novamente. Jorel e Nico comentam, com ar de zombaria, que as avós devem ter ido atrás desse produto, e seu Edson as defende, dizendo que são mulheres livres, corajosas e que jamais se venderiam para essa indústria. Nesse momento, Vovó Gigi, Vovó Juju e Irmão do Jorel entraram na casa, e Vovó Gigi responde com firmeza: “Somos mulheres livres e corajosas, inclusive para nos vender para a indústria do marketing, se quisermos”, com a concordância da Vovó Juju.

A construção da narrativa desse episódio mostra, desde o início, o quanto os idosos são estigmatizados e vistos como vulneráveis, frágeis, incapazes de cuidarem de si mesmos e, inclusive, de lidar com as “dificuldades” da vida. No entanto, Vovó Gigi e Juju demonstram o contrário. Ao longo do episódio, driblam os perseguidores - muito mais novos -, livram-se de situações de possível perigo, amedrontam um frentista que as vê como marginais, atravessam o deserto em busca da liberdade, e por fim, retornam tranquilamente após conquistarem seus objetivos.

O episódio, através das diversas provocações com relação ao fato das avós serem mulheres velhas, promove a reflexão do quanto esse olhar naturalizado frente ao idoso encontra-se, deturpada e distante da realidade da qual fazem parte as avós do Irmão do Jorel, a mesma compartilhada com os indivíduos de todas as idades.

Nesse sentido, à medida que o desenho mostra o quão independentes, autossuficientes, e movidas por seus próprios desejos e ambições, são as avós, convida o público a repensar a visão estigmatizante da velhice que tem sido, infelizmente, sustentada até hoje.

Irmão do Jorel possibilita, dessa forma, uma reflexão acerca da representação que se tem não só dos próprios familiares, mas do envelhecimento como um todo. Além disso, também promove a aproximação entre as diferentes gerações, uma vez que todas elas não só convivem, como compartilham diferentes situações e desafios, elaborando novas formas de lidar com os demais, sejam mais velhos ou mais novos.

Considerações Finais

A partir da análise dos episódios do seriado “Irmão do Jorel”, evidencia-se o quanto a obra dialoga com os conceitos de intergeracionalidade e geração, tal como definidos por Ferrigno (2009).

Tratando do fenômeno do encontro de diferentes grupos etários, com construções históricas distintas, e múltiplos potenciais de atuação no meio coletivo, o seriado apresenta, simultaneamente, os preconceitos sociais naturalizados, e as descobertas frente às inúmeras possibilidades de contribuição das personagens idosas para a dinâmica familiar e societária.

Dessa forma, a animação proporciona a análise da construção de discursos, que questionam o que vem sendo estabelecido a respeito da velhice, a forma com que as relações intergeracionais acontecem, e o sentimento de aproximação e identificação para com o outro, independente de sua idade ou grupo social.

Diferentemente de manifestações que reforçam a noção de velhos vulneráveis, desatualizados, incapazes de dialogar com as diferentes gerações, e os pensamentos e tecnologias vigentes nas mesmas, *Irmão do Jorel* traz à tona a noção da velhice como algo que faz parte do percurso da vida, um processo que se constrói na relação com o outro, mas que abarca muitos outros elementos.

O desenho resgata muito do conteúdo que é perdido, e esvaziado de significação, quando se observa o idoso a partir do olhar crítico da sociedade: as avós cheias de histórias, opiniões e habilidades, e a forma que vivem e experimentam suas subjetividades, aspectos que na narrativa enriquecem a relação dessas personagens com o restante da família, e evidenciam a riqueza dessa troca de vivências e valores para a vida de todos.

O *Irmão do Jorel*, ao apresentar diferentes formas de relacionar-se e viver as complexas relações intergeracionais, em constante transformação, indica quebra de paradigmas e, nesse sentido, proporciona possibilidades de superação dessas barreiras; visto que a arte, o cinema, o desenho, entre outras manifestações de caráter tecnológico, são possibilidades lúdicas de vivenciar os muitos modos do ser e do *vir-a-ser*.

Referências

ENRICO, J. Irmão do Jorel. *Cartoon Network*. São Paulo, 2014.

FERRIGNO, J. C. O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária. *Tese doutoramento* defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da USP, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-15042010-154726/en.php>

FERRIGNO, J.C. Caderno do Aluno. SESC. Departamento Nacional | Divisão de Planejamento e Desenvolvimento Gerência de Desenvolvimento Técnico (s/d). Disponível em: <https://rfp.sesc.com.br> › moodle › pluginfile.php › mod_folder › contente.

D'ÂNGELO, H. Batemos um papo com Juliano Enrico, criador do ‘Irmão do Jorel’. *Superinteressante*, São Paulo, 29 de set. de 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/batemos-um-papo-com-juliano-enrico-criador-do-irmao-do-jorel/>> Acesso em: 20 de out. 2019.

Jung, C.G. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

PROVOSTE, N. Nós conversamos com o Juliano Enrico, criador de ‘Irmão do Jorel’. *Catracalivre*, 2018. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/entretenimento/nos-conversamos-com-o-juliano-enrico-criador-de-irmao-do-jorel/>> Acesso em: 20 de out. 2019

SATRE, J.P. *El ser y la nada: ensayo de ontología fenomenológica*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1998

Data de recebimento: 15/11/2019; Data de aceite: 15/12/2019

Dalila Leal Costa – Estudante do segundo ano do curso de Psicologia da PUC-SP. E-mail: dalilalealcosta@gmail.com

Júlia D'Amato - Estudante do terceiro ano do curso de Psicologia da PUC-SP. E-mail: juh.damato@gmail.com

Julia Seggiaro - Estudante do segundo ano do curso de Psicologia da PUC-SP. E-mail: dearjuliaseggiaro@gmail.com

Tatiana Czernorucki - Estudante do segundo ano do curso de Psicologia da PUC-SP. E-mail: taticz1998@gmail.com

Este artigo é resultado parcial do trabalho final apresentado na eletiva “Relações Intergeracionais Mediadas pela Tecnologia”, na PUC-SP, ofertada à universidade, e ministrada pela profa. Beltrina Côrte, segundo semestre de 2019.